

Atividade física e corpo sensível

Carlos Alberto de Andrade Coelho Filho
Regina Glória Nunes Andrade

Pós-Graduação em Psicologia Social - Universidade do Estado do Rio de Janeiro RJ

Resumo: Os primeiros investimentos científicos que se dão no campo do imaginário, quando a criatividade é valorizada, partem de estudos que provocam deformações no real mediante a produção de ilusões. No esteio da ilusão e da criatividade – portanto, do imaginário –, este trabalho se estrutura no horizonte da consciência corporal, do homem biológico, psicológico e social. O método utilizado foi o de análise da narrativa teórica. Foram privilegiados alguns textos “psicanalíticos” cujos referenciais estão voltados para o entendimento dos conceitos teóricos básicos necessários para o trabalho, tais como inconsciente e imaginário. A tese sustentada está baseada na compreensão de que o corpo que pratica atividade física regular entra em contato com algo que proporciona um bem-estar fugidivo, um estado de consciência que precisa ser constantemente *reencontrado, re-elaborado*. O corpo em movimento é fruto das marcas do inconsciente que se expressam, fundamentalmente, através do imaginário.

Palavras-chave: Corpo, psicanálise, atividade física, subjetividade.

Physical activity and the sensitive body

Abstract: The first scientific investigations into the field of “the imaginary” are related to the production of illusions. The current work investigates the intersection of corporal consciousness and man’s biological, psychological, and social aspects. The method used was the analysis of the theoretical narrative. Psychoanalytic texts, whose references focus on basic theoretical concepts related to the unconscious and imagery, were examined. A sustained theory was revealed and re-elaborated: A body that regularly practices physical activity can become sensitive to a particular state of consciousness that reflects well-being.

Key words: Body; psychoanalysis; physical activity; subjectivity.

Introdução

“O amor só se sustenta porque o imaginário entra em ação a cada passo da relação entre as pessoas” (ANDRADE, 2003, p.75). Contudo, considerações sobre as características psicológicas do imaginário nem sempre foram privilegiadas. Quase que restrita aos estudos da arte e da poesia, somente na segunda metade do século XIX a imaginação é acolhida pelas ciências sociais como conceito de valor científico.

Ainda segundo a autora, por ser considerada “a louca da casa” a imaginação foi discutida e rechaçada pelos sistemas filosóficos marcados pela razão, nos quais as obras de Hegel e de Descartes ocupam lugar privilegiado. Demonstrando a existência de *falsas consciências*, chegando a afirmar que *verdadeiro* e *ilusório* são opostos de uma mesma moeda, as tendências *positivistas* influenciaram – e ainda influenciam – decisivamente a ciência. Os primeiros investimentos

científicos que se dão no campo do imaginário, quando a *criatividade* é valorizada, partem de estudos que provocam deformações no *real* mediante a produção de *ilusões*.

No esteio da *ilusão* e da *criatividade* – portanto, do *imaginário* –, este trabalho se estrutura no horizonte da *consciência corporal*, do homem biológico, psicológico e social. A justificativa para o seu desenvolvimento está nas contribuições epistemológicas e metodológicas que se espera venha a trazer para os estudos dos aspectos subjetivos do corpo.

O elemento organizador do corpo teórico é a hipótese de que a teoria psicanalítica, através dos conceitos de seus representantes máximos, Sigmund Freud e Jacques Lacan, pode fornecer uma base inicial necessária para a aproximação,

compreensão e trato do corpo que carece de atividade física, ou que pratica atividade física: corpo em movimento.

O método utilizado é o de análise da narrativa teórica. Foram privilegiados alguns textos “psicanalíticos” cujos referenciais estão voltados para o entendimento dos conceitos teóricos básicos necessários para o trabalho, tais como inconsciente e imaginário. A idéia foi articularmos esses conceitos ao objeto principal da pesquisa, que é o corpo. Temas do cotidiano e o discurso do corpo na publicidade nos fornecem subsídios para aproximações e aprofundamentos ao longo do texto.

A tese sustentada está baseada na compreensão de que o corpo que pratica atividade física regular entra em contato com *algo* que proporciona um bem-estar fugidio, um estado de consciência que precisa ser constantemente *reencontrado*, *re-elaborado*. O *corpo em movimento* é fruto das marcas do inconsciente que se expressam, fundamentalmente, através do imaginário.

Corpos em desfile

Eventualmente o leitor terá em mente um conjunto de idéias sistematizadas ou em vias de sistematização acerca do ato de exercitar o corpo. Vale notar, contudo, que os sistemas em geral tendem a *aprisionar* a reflexão, a fechar os horizontes. É interessante perceber, também, que muitas destas idéias sistematizadas emergem no contemporâneo do discurso referente ao *malhar*, fato que nos leva a pensar sobre o processo de apropriação social do termo para caracterizar a prática do exercício físico. A crítica atenta pode mostrar que a palavra *malhar*, etimologicamente, tem em si a idéia de mancha (mácula), de bater, contundir e dar pancada, de castigar o corpo, de zombar e escarnecer. No mesmo contexto perceptivo, canções e programas televisivos (novelas e humorísticos) utilizaram e utilizam o *malhar* – exercícios físicos – como tema, com grande sucesso. Merece ainda destaque o produto “atividade física” que a publicidade divulga, cada dia com maior apoio, “numa certa racionalidade oriunda das ciências biomédicas, no sentido de projetar o corpo perfeito para uma saúde perfeita” (SILVA, 1999, p. 52).

Constata-se, assim, que o exercício físico, quase tanto quanto a racionalidade, está em pauta. Há inúmeros indícios de um discurso, à disposição da mídia e na mídia, que mostra o crescente interesse pelo corpo (que se tornou ideal de consumo, em que as pessoas investem dinheiro), pelo culto ao corpo, pelo corpo que *malha* na atualidade, e que levanta preocupações com os rumos que ele vem apresentando, especialmente pela carência, talvez mesmo ausência, de uma

proposta que aproxime os indivíduos da autonomia e da reflexão sobre o próprio corpo.

Nesse sentido, com o objetivo de contribuir para a abertura de pensamento e ação na direção de novos horizontes, caminhamos, neste trabalho, pela *obscuridade* do corpo sensível, com o interesse em localizar *sintomas* – marcas ou malhas – que revelem a memória desse corpo: memória do corpo que surge no terceiro milênio, desvelando-se como história, como ideologia.

Em linhas gerais, este é o corpo que no passado recente foi experimentado, explorado e torturado nos campos de concentração e que continua a ser, em certo sentido, na barbárie atual. É também um corpo fragmentado pelas leituras, pelas especialidades. É o corpo fruto da revolução sexual, com o advento da psicanálise, o questionamento da moral cristã e das grandes sacudidas socioculturais geradas a partir das guerras mundiais e da emergência da mulher como sujeito autônomo. Também é o corpo surgido dos avanços da medicina; o corpo que inspira os progressos biológicos do intercâmbio de órgãos, estendendo a vida mais além do que o próprio prazo e, ainda, o corpo submetido à ameaça da genética seletiva.

Esse é o corpo que irrompe na imagem e na linguagem diárias, que invade a TV, o cinema e a literatura contemporâneas: um corpo que se afirma em sua progressiva desnudez, pela busca obsessiva de uma “perfeição”, por sua própria adesão às leis do mercado. É o corpo que sofre influência da publicidade, as *Barbies*, o mundo dos modelos e dos modismos. As academias, as dietas, os esportes, os tratamentos “estéticos”, as cirurgias plásticas, a anorexia e a bulimia, a pornografia na Internet. Contudo, é também o corpo que traduz e decifra nossos desejos e temores, o corpo que alcança a profundidade dos oceanos e caminha nas planícies da lua. É o corpo contemporâneo, que se desenvolve na cultura e no universo, multiplicando seu poder e seu poder sobre outros corpos, em inesperadas dimensões.

O poder – ou fragilidade – do corpo *malhado*

Observa-se uma nova inclinação de deixar marcar as formas do corpo. Os *sarados*, nome dado no Rio de Janeiro aos que praticam o exercício físico com o objetivo de atingir o corpo musculoso, *sarado* da gordura, exemplos acabados da necessidade de se exhibir os contornos, peso e volume dos músculos, remetem o corpo às suas proporções clássicas. Para Lago (1999), esta é uma das faces da chamada pós-modernidade, enquanto era das incertezas: uma tentativa de dar estabilidade, de *sarar* o sujeito dessas mesmas incertezas,

até das incertezas da ciência, da educação e da religião – que não cura tudo e ainda deixa dúvidas nos angustiados cultuadores da “saúde”.

A modernidade nos legou a liberdade do espírito e formas incertas que acabaram culminando na crise das representações, específica de nossa época, onde o sujeito goza como nunca das liberdades e, ao mesmo tempo, tenta curar-se de seus excessos. Formas internas mal delimitadas, sem o lastro das identificações tradicionais, se encontram com o excesso de possibilidades de realizações oferecidas como imagens e com o indivíduo tentando *curar-se*, tentando salvar o que resta da sua singularidade, que como nunca parece buscar consistência na aparência. No plano físico, a marca de um esforço: o corpo *malhado*, com volume e contorno nítidos.

Depois da psicanálise, do movimento feminista, do movimento modernista, do abrandamento do poder de influência dos tradicionais agentes formadores da subjetividade (família, igreja), depois do advento da mídia televisiva e das possibilidades tecnológicas no reino da imagem, todos fatores desgastantes do peso das tradições, estabeleceu-se uma luta no plano das formas externas que representa a busca de um *quantum* de estabilidade do espírito. A modernidade, em particular a psicanálise, naturalizou na cultura a idéia de que homens e mulheres são em essência os mesmos, que a bissexualidade essencial deveria ser respeitada e compreendida. A pós-modernidade das pessoas *malhadas* tenta estabilizar essas tendências, reafirmando o corpo forte e sadio, o corpo *sarado*.

No “espaço da academia”, continua Lago, um homem *não tão macho* (um *macho-man*) exhibe seus músculos bem torneados, como se quisesse reafirmar a essência bissexual do indivíduo. Ao lado desse, vemos a deformidade do corpo feminino das *marombeiras*, uma colagem de atributos tidos como masculinos tentando estabilizar diferenças sexuais através da aparência de força, numa época onde já não se duvida do valor da interioridade feminina em relação ao homem. E no final, o que os une? Para o autor, é a ciência e o culto à saúde que ela promove, uma unanimidade no conflito entre corpos e espíritos, um fator de estabilidade diante de tantas incertezas.

É portanto no corpo, via ciência, que se situa, nos dias atuais, uma alternativa de *cura* da instabilidade das representações e dos valores. Calligaris (apud Lago, 1999) aponta indícios de uma redução da subjetividade à sua dimensão real mínima, isto é, à fisiologia. Na falta de tradição e de uma razão objetiva vivenciada como um sistema de valores e princípios imanentes a uma realidade ou à herança

cultural, a significação da vida coincide cada vez mais com a sobrevivência material e com o “bom funcionamento do corpo”.

O indivíduo torna-se responsável pela busca de determinado padrão de estética corporal. Para Guiselini (1997, p. 51), muitos criam atitudes obsessivas com relação ao corpo atraente. Principalmente entre as mulheres, isto pode estar associado ao desejo de ser magra, o que, em muitos casos, leva à anorexia e à bulimia, entre outros transtornos psicológicos. Entre homens e mulheres, como mencionado, essa obsessão pode estar associada ao desejo de hipertrofia e definição muscular. As pessoas com este comportamento freqüentemente são compulsivas pelo exercício. São também mais facilmente sujeitas a consumirem substâncias nutricionais enganosas (suplementos nutricionais, substâncias emagrecedoras) e, em alguns casos, recorrem ao uso de esteróides anabolizantes.

Isso parece acontecer, sobretudo, como uma conseqüência da persuasão publicitária. Vale notar que, nos Estados Unidos, os anos 80 do século passado conheceram um desenvolvimento considerável do mercado do consumo de produtos e serviços destinados à “manutenção” do corpo. Impérios industriais, com atividades diversificadas, ocuparam esta fatia do mercado relativa às vitaminas e ao suor, produzindo tanto aparelhos de musculação quanto suplementos nutricionais, ou ainda publicando revistas especializadas sobre a boa forma, a “saúde” e os regimes alimentares (Courtine, 1995). Este “mundo do *fitness*” aportou no Brasil, e especificamente no Rio de Janeiro, de forma determinante no início da década de 1990, com as grandes academias de ginástica (Coelho Filho, 1998).

Destaca-se, também, que a vivência cotidiana nos ambientes ou microespaços sociais em que as “tribos urbanas” se comunicam (festas, praias, boates, *shows*, *shoppings*, academias, escolas, universidades etc.) é essencial para que as tais práticas se concretizem. Elas se justificam no próprio convívio social da “juventude”, com a necessidade de um padrão a ser seguido. Os jovens (o adolescente interior de cada um) tendem a buscar os padrões e grupos por identificação, para se fortalecerem frente à sociedade, ao tempo em que constroem uma identidade. Neste caso, o *mito do herói*, ou a identidade do *herói*, mesmo que fugidia, pode se manifestar.

Promete-se o padrão de corpo do atleta *vencedor*. Contudo, este padrão para ser atingido depende, sobretudo, da natureza biológica de cada um, bem como de anos seguidos de treinamento, na maior parte das vezes com dupla jornada

diária. Então, o que ocorre é que as pessoas passam a se exercitar como atletas, muitas vezes, sem a “bagagem” necessária. Ao mesmo tempo, a despeito das sensações prazerosas que o movimento corporal possa proporcionar, ocorre: (a) o “sacrifício” diário de quebrar a inércia do corpo para o treinamento; (b) a necessidade de vigor e (c) o dispêndio de tempo. Assim, excessos podem se estabelecer juntamente com o consumo de produtos facilitadores, para se alcançar o objetivo com um mínimo de esforço, com um mínimo de atividade, não sem custo para a saúde e a auto-estima.

O esforço desses *malhadores* representa a tentativa de encontrar o estável, o belo proporcional, numa idealização do corpo heróico. Esforço por vezes visivelmente desesperado, mas esperançoso de singularidade, de criatividade, tentando *esculpir* e *esculpir-se*. Nada mais *personalizante* e *individualizante*, numa época modelarmente sem modelos e cheia de ofertas de modelos.

O corpo freudiano

É no senso comum, especialmente na comunicação de massa, que nos deparamos com essa noção de estética corporal atrelada à “casca”¹, à aparência, à superfície, ou à objetividade técnica. Para os “especialistas” em atividades físicas, notadamente os que se dedicam ao *fitness*, o *corpo belo* deve ser moldado seguindo padrões ideais de gordura e massa muscular; volumes, contornos e medidas. Modelos que fazem parte de uma minoria geneticamente privilegiada tornam-se referência, ou seja, são *belos*, considerados bons exemplos do seu gênero, da sua espécie.

Depara-se no cotidiano, sobretudo nas avaliações funcionais das academias de ginástica, com um discurso onde o corpo – aquele que procura o movimento – é questionado sobre se está em busca de saúde ou de estética. Com esta questão, pode-se pressupor a prática da atividade física objetivando a saúde, e não a estética; ou objetivando a estética, quiçá desvinculada da saúde.

No caderno “Megazine” do jornal O Globo (01/01/2002), duas apresentadoras dos programas esportivos do canal de televisão por assinatura *Sportv*, Diana Bouth e Cynthia Howlett, “jovens, bonitas e confiantes”, falam de *corpo*.

¹ Quando elaboramos a idéia de *casca*, pensamos que o “estar saudável” não implica necessariamente possuir um corpo “padronizado”, um corpo da moda, nem o contrário parece uma relação causal. Temos o fruto com o invólucro belo e o interior estragado; ainda, tantos são os frutos de *casca* não tão belas que realizam os nossos mais deliciosos desejos. Por outro lado, parece que o corpo “saudável” é aquele que seduz outros corpos, isto é, aquele corpo que demonstra equilíbrio na sua unidade interior/exterior, aquele que está “feliz” nas relações com o Outro.

Diana, que trabalhou como modelo na adolescência, afirma: “Levantei uma bandeira de que ser diferente é legal. Não tenho perna grossa, não sou sarada e tenho celulite. Malho por causa da saúde, não pela estética. O importante é a gente se sentir bem”. Já Cynthia revela que a malhação “faz bem para o ego”.

Parece possível, então, realmente, para o senso comum, dissociar a idéia de saúde da de estética, já que, neste sentido, é no – e para o – exterior que o corpo representa. É o paradoxo de um “corpo” vestido de carne e gordura, um interior, ou melhor, uma totalidade revestida de um exterior desconexo dessa totalidade, desse corpo sensível. Percebe-se um resquício da representação dual de mente e corpo, conquanto não haja “ninguém que se atreva a duvidar da existência de Deus e da separação real e verdadeira da alma humana em relação ao corpo” (DESCARTES, 1999, p.240). Contudo, por outro lado, podemos atribuir sentido ao senso comum quando observamos que há um movimento de metamorfose no ego – “o importante é a gente se sentir bem”, “faz bem para o ego” –, portanto, no corpo, já que, como afirmou Freud em *O ego e o id* (1923/1974), o ego é sobretudo corporal:

O ego é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal; não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é, ele próprio, a projeção de uma superfície. Se quisermos encontrar uma analogia anatômica para ele, poderemos identificá-lo melhor com o “homúnculo cortical” dos anatomistas, que fica de cabeça para baixo no córtex, estira os calcanhares, tem o rosto virado para trás e, como sabemos, possui sua área da fala no lado esquerdo (FREUD, 1974b, p.40).

Com este parágrafo complexo, Freud elabora o pensamento de que o corpo é fragmentado e nem sempre consciente. Vale então ressaltar que a divisão do psíquico naquilo que é consciente e inconsciente constitui a premissa fundamental da psicanálise.

Estar consciente é, para Freud, em primeiro lugar, um termo puramente descritivo, que repousa na percepção do caráter mais imediato e certo. A experiência subjetiva demonstra que um elemento psíquico (a idéia do herói, ou a idéia de eterna juventude, por exemplo) não é, em geral, consciente por um período de tempo prolongado. Pelo contrário, nos termos de Freud,

[...] um estado de consciência é, caracteristicamente, muito transitório; uma idéia que é consciente agora não o é mais um momento depois, embora assim possa tornar-se novamente, em certas condições que são facilmente ocasionadas. No intervalo, a idéia foi... Não se sabe o quê. Podemos dizer que esteve latente, e, por isso, queremos dizer que era capaz de tornar-se

consciente a qualquer momento. Ora, se dissermos que era inconsciente, estaremos também dando uma descrição correta dela (FREUD, 1974b, p.26).

Para avançarmos na problemática do consciente e do inconsciente, faz-se importante destacar um outro registro, que é o organismo. Como diz Birman (2001, p.58), “é necessário não confundir os dois registros, o organismo é de ordem estritamente biológica e o corpo de ordem sexual e pulsional”.

Desta forma, ao interrogar o estatuto do corpo em psicanálise – como em educação física – é necessário distinguir devidamente os conceitos de corpo e organismo. A superposição ingênua destes provocou (e ainda provoca, infelizmente) mal-entendidos e confusões. Além disso, segundo Birman, a superposição conduziu inequivocamente a psicanálise (e a educação física – quando, por exemplo, a idéia de estética é simplesmente vinculada a *medidas*) para um desvio biologizante. Assim, instituiu-se uma demarcação estrita de territórios epistemológicos, de forma que, de um lado, a intervenção da psicanálise sobre o corpo-organismo foi excluída; de outro, a consideração do psiquismo em educação física é, em geral – apesar dos pesquisadores que hoje, nessa área, interessam-se pelo estudo do “imaginário social” e da “psicologia social” –, negligenciada, desvalorizada ou restrita, com pouco relevo, à sua dimensão fisiológica (psicofisiológica).

Com isso, Birman aponta para um corpo-organismo que foi colonizado pela medicina, enquanto que o psiquismo desencarnado foi entregue à psicanálise, ou à religião, à crença e ao ritual. Dessa maneira, o sujeito foi repartido entre os saberes “científicos” e as práticas terapêuticas, para prejuízo não apenas da psicanálise e da educação física, mas sobretudo das subjetividades “sofrentes”. Estas representam aquelas que buscam e por vezes encontram nestas práticas, por certo corporais, o domínio das excitações pulsionais, o melhor entendimento ou preenchimento, mesmo que temporário, de suas lacunas: a ocupação dos espaços interiores.

O *corpo* pulsional remete à idéia de *carne*, a que se liga uma longa tradição filosófica, mítica e religiosa. A tradição científica recente do Ocidente procurou colonizar a carne com seus pressupostos objetivantes, mas percebe-se que não conseguiu realizar isso inteiramente, nem mesmo satisfatoriamente. Haja vista, como exemplo, o tanto de pessoas sedentárias e obesas, sobretudo nos centros urbanos, que a racionalidade doutrinária não consegue angariar. Isso procede, por hipótese, principalmente porque um *resto* do corpo permanece, também na educação física, desconhecido.

Motriz, Rio Claro, v.10, n.2, p.97-109, mai./ago. 2004

É preciso observar que existe um processo de renovação e constante metamorfose psíquica, ou seja, um psiquismo manifestando necessidades temporais subjetivas do corpo em movimento. Este *resto* está sem dúvida contido no dito popular “consciência corporal”, verbalizado pelo senso comum e pelas fórmulas milagrosas do imaginário cientificista.

Birman mostra que a leitura psicanalítica do corpo se realizou sobre este *resto*, procurando indagar como a dimensão carnal funda a experiência corpórea do sujeito. Isso porque nesta dimensão se encontrariam os registros desejante e pulsional do corpo, irredutíveis que seriam ao conceito de organismo.

Uma das inovações epistemológicas de Freud foi justamente a de pensar em novas relações, complexas, entre o organismo e o psiquismo, pela mediação da problemática do corpo. Isso permitia que se ultrapassasse o paralelismo psico-físico. Assim, se o organismo fosse submetido às regras da racionalidade biológica, o corpo seria atravessado por forças pulsionais que lhe são irredutíveis. Além disso, ele é permeado inteiramente pela *alteridade*, o que não é o caso do organismo, que pode ser chamado, nas suas devidas proporções, de *solipsista*, isto é, voltado para si mesmo e inscrito no absoluto da imanência. O organismo, no qual se realizam os mecanismos automáticos de auto-regulação, é mergulhado nos grandes ritmos da natureza. Em contrapartida, o corpo se constitui em ruptura com a natureza, aberto simultaneamente sobre ela e sobre o Outro². Tudo isso, segundo Birman, nos conduz a afirmar a existência de um *corpo-sujeito*.

Freud (1974a) empregou com frequência a palavra organismo, além de afirmar em *As pulsões e suas vicissitudes* (1915/1974), que a psicanálise não poderia excluir uma referência biológica. Contudo, desde os primórdios da psicanálise, ele se referiu a uma outra concepção de corpo. Em seus estudos iniciais sobre a histeria (destaque-se que os estudos sobre a histeria costumam ser considerados como o ponto de partida da psicanálise), Freud tratou de estabelecer diferenças entre as paralisias orgânicas e as histéricas. Ele destacava efetivamente que o corpo dos histéricos seria fundado nas representações populares – em ruptura, portanto, com o corpo cientificista dos anatomistas. Isso o conduz a definir uma cartografia do corpo: a de um corpo libidinal, que seria ao mesmo tempo um *corpo representado e imaginado*.

² Outro – conceito laciano que significa o mundo, na proposta de intersubjetividade da estruturação do sujeito.

A ruptura é mais evidente se nos deslocarmos do registro da clínica para o da metapsicologia. O campo revelado por esse deslocamento era eminentemente epistemológico, já que com a noção de pulsão Freud procurava traçar uma fronteira entre a biologia e a psicanálise, como testemunhará em *As pulsões e suas vicissitudes*, ao dizer que a fonte da pulsão pode ser biológica, mas a pulsão enquanto tal absolutamente não o é. Por este motivo, “a psicanálise não deve se interessar pelo estudo da fonte da pulsão, que pertence à biologia, mas pelo de seus destinos” (BIRMAN, 2001, p. 60).

Então, é a partir do estudo dos destinos da pulsão que se estabelece a ponte fronteira entre o corpo em psicanálise e o corpo em educação física. Neste sentido, contudo, diferente da ruptura de Freud, a fronteira aqui postulada – parafraseando Bhabha (1998, p. 24) – se torna justamente o lugar a partir do qual *algo começa a se fazer presente*. Sempre, e sempre do modo diferente, a ponte concebida pode acompanhar a dinâmica – *artística* – dos corpos em movimento, o modo como alcançam as margens. Para que possam alcançar outras margens... a ponte *reúne* conhecimentos, acumula experiências dos corpos que por ali transitam.

Assim, conscientes da importância dos destinos em educação física, ou seja, das práticas realizadas e das não realizadas, mais precisamente do que *impulsiona* as pessoas – ou não – ao encontro delas, parece que o estudo isolado da fonte da pulsão, como em psicanálise, tornar-se-á irrelevante. É preciso motivação para a prática regular, é preciso desejo, satisfação de necessidade psíquica: é necessário *elaborar* vida, pulsão de vida.

Ao definir a pulsão como um conceito limite entre o psíquico e o somático, Freud fundou a psicanálise como um domínio de saber não redutível à biologia e à psicologia. Aqui estaria a originalidade epistemológica do campo psicanalítico, concebendo a idéia de um corpo tecido na encruzilhada dos destinos pulsionais, constituído pelo campo das pulsões, manifestado na sua finitude temporal pelas excitações pulsionais.

Tal projeto científico pode fornecer uma base inicial necessária para a aproximação, compreensão e trato do corpo que carece de atividade física ou que pratica atividade física. Natureza, cultura e inconsciente são pilares fundamentais que estão intrincados na constituição do corpo. Evocamos aqui esta dialética ao postular o complicado e obscuro entendimento do corpo em educação física.

É preciso ir além do que o discurso hegemônico da racionalidade biológica da educação física, assim como o

discurso do senso comum, concebem hoje como “consciência corporal”. Possuímos uma natureza biológica a ser considerada, no entanto, temos ainda – determinando os destinos – um corpo sensível, que possui consciência, sim, porém limitada, também. Nossas identificações e práticas são certamente mediadas pela cultura e determinadas, em grande medida, pelo inconsciente postulado pela psicanálise.

O pensamento e o corpo

A questão não é simples quando tentamos teoricamente estabelecer qualquer ligação entre saúde psíquica (em palavras como paz, felicidade, equilíbrio, amor), atividade física e estética. O discurso das jovens apresentadoras de programas esportivos da televisão, como tantos outros cotidianos de adultos ou de idosos, apontam para um bem-estar fugidio, um estado de consciência que precisa ser constantemente *resgatado, re-elaborado*. Os limites entre o bem e o mal são tênues. Ao mesmo tempo, caminhamos no *fio da navalha* quanto a esses valores, quanto à produção dessas subjetividades. Resta, entretanto, indubitavelmente, “algo” emergindo e – consciente (*Cs.*) ou inconscientemente (*Ics.*) – sendo representado. Vale perceber que a verbalização do bem, “o importante é a gente se sentir bem”, “faz bem para o ego”, só pode justificar-se em contraposição ao mal. Aqui alcançamos a noção freudiana de que os processos de pensamento, em si próprios, carecem de qualidades, exceto pelas excitações prazerosas e desprazerosas que os acompanham.

Para que possamos chegar a um entendimento satisfatório desta noção, ao mesmo tempo em que avançamos na concreção da ligação teórica anteriormente almejada, é necessário enveredar e progredir lentamente a partir do ponto inicialmente eleito, ou seja, do ego, da organização dos processos mentais e da constituição do aparelho psíquico.

Em *O ego e o id*, considerado um dos grandes trabalhos de Freud, ao retomar a questão do inconsciente ele diz que foi obrigado a presumir que existem idéias ou processos mentais muito poderosos produzindo na vida mental os efeitos que as idéias comuns produzem, embora eles próprios não se tornem conscientes. É justamente aí que a teoria psicanalítica intervém, assegurando que a razão pela qual tais idéias não podem tornar-se conscientes é que uma certa força lhes opõe: “o fato de se ter encontrado, na técnica da psicanálise, um meio pelo qual a força opositora pode ser removida e as idéias em questão tornadas conscientes, torna irrefutável essa teoria” (FREUD, 1974b, p.27).

Neste ponto precisamos compreender que a distinção entre consciente e inconsciente é uma questão de percepção ou, talvez possamos dizer, de *conscientização*. Lembremos aqui nossas críticas à abrangência do dito popular *consciência corporal*, porquanto entendemos que é preciso ir além da representação racionalista oriunda das ciências biomédicas. Mas o aprofundamento não é simples. O próprio ato perceptivo nada nos diz da razão por que um evento é ou não percebido; ele simplesmente *é* e produz efeitos.

Isso tornou-se claro de várias maneiras para Freud. O exemplo decisivo é o seguinte: Freud formou a idéia de que em cada indivíduo existe uma organização coerente de processos mentais, que chamou de ego. A consciência se acha ligada a esse ego,³ que controla as abordagens à motilidade, ou seja, a descarga de excitações para o mundo externo. Ele é a instância mental que supervisiona todos os seus próprios processos constituintes e que “relaxa” à noite, produz o sono, embora ainda exerça a censura sobre os sonhos.

Desse ego procedem também as repressões, por meio das quais procura-se excluir certas tendências da mente, não simplesmente da consciência, mas também de outras formas de capacidade e atividade. Nesse sentido, retomemos os processos de pensamento que em si próprios carecem de qualidade, exceto pelas excitações prazerosas e desprazerosas que os acompanham. Estas excitações, em vista dos possíveis efeitos perturbadores sobre o pensamento, precisam ser mantidas dentro de certos limites.

Lembremos o discurso das jovens apresentadoras de televisão. Elas percebem no corpo um certo bem-estar: (1) “malho por causa da saúde, não pela estética, o importante é a gente se sentir bem”; (2) “a malhação faz bem para o ego”. Parece evidente que elas se referem a um bem-estar fugidivo, a um estado de consciência transitório, na medida em que a repetição da prática vai se fazer necessária.

“Faz bem para o ego” tanto quando imaginam que estarão em atividade num tempo futuro (como produto imaginário deste exercício), como quando “imaginam” ao exercitarem-se. Nos referimos a uma anterioridade, a uma posterioridade e a uma atividade, com limites complexos e pouco precisos, representando a *unidade* corporal. Podemos observar que *algo* se desloca no aparelho mental. A prática da atividade física surge então como possibilidade de associação – com *algo Ics.* –, fazendo aflorar na consciência determinadas sensações prazerosas que são verbalizadas.

³ Vale destacar que uma parte do ego é *Ics.* – e sabem os céus que parte tão importante, diz Freud.

Motriz, Rio Claro, v.10, n.2, p.97-109, mai./ago. 2004

Por outro lado, encontramos discursos cotidianos associando a prática da atividade física a sensações desprazerosas *Cs.*, ligadas, por sua vez, pressupomos, também a *algo Ics.*, impeditivo da própria prática. Imaginemos estas frases correntes: “não faço ginástica porque não tenho tempo...”, “me dá uma preguiça!” O que parece importante, contudo, no ponto em que nos encontramos teoricamente, é admitir que *algo Ics.* se desloca. Ao mesmo tempo, o nosso conhecimento – do próprio “corpo” – está invariavelmente ligado à consciência. Ora, só podemos vir a conhecer, mesmo o *Ics.*, tornando-o *Cs.*

Mas como isso pode ocorrer? Freud parte da compreensão de que a consciência é a *superfície* do aparelho mental, ou seja, um sistema que, espacialmente, é o primeiro a ser atingido a partir do mundo externo. Para Freud, nossas investigações devem tomar essa superfície perceptiva como ponto de partida.

Todas as percepções que são recebidas de fora (pelos órgãos sensoriais, percepções sensórias) e de dentro – o que chamamos de sensações e sentimentos – são, para Freud, *Cs.* desde o início. A questão se coloca naqueles processos que podemos resumir grosseiramente sob o nome de processos de pensamento. Eles representam deslocamentos de energia mental que são efetuados em algum lugar no interior do aparelho mental, à medida que essa energia progride em seu caminho no sentido da ação. Mas, afinal, como esse *algo Ics.* pode se tornar *Cs.*?

Segundo Freud, a diferença entre uma idéia (pensamento) do *Ics.* ou do *pré-consciente (Pcs.)*⁴, consiste em que a primeira é efetuada em algum material que permanece desconhecido, enquanto que a última (a do *Pcs.*) é, além disso, colocada em vinculação com representações verbais. Esta, portanto, é a primeira tentativa de indicar marcas distinguidoras entre os sistemas *Pcs.* e *Ics.*, além de sua relação com a consciência. Assim, quando perguntamos como uma *coisa* se torna *Pcs.*, a resposta seria: vinculando-se às representações verbais que lhe são correspondentes. Freud diz que essas representações verbais são resíduos de lembranças. Elas foram antes percepções e, como todos os resíduos

⁴ Freud percebe dois estados do inconsciente: um latente, e capaz de tornar-se consciente com facilidade; um outro reprimido, mas também capaz de tornar-se consciente – sendo com maior dificuldade –, através do trabalho psicanalítico. Esta compreensão interna (*insight*) da dinâmica psíquica vai afetar a terminologia e a descrição. Ao latente, que é o inconsciente apenas descritivamente, não no sentido dinâmico, Freud chama de *pré-consciente*. Ele restringe o termo *inconsciente* ao reprimido, de maneira que chega aos termos consciente (*Cs.*), pré-consciente (*Pcs.*) e inconsciente (*Ics.*). Esta terminologia é utilizada até 1914 aproximadamente, até os estudos do que denomina-se em psicanálise “primeira tópica” ou “primeira teoria do aparelho psíquico”.

mnêmicos⁵, podem tornar-se conscientes de novo. Disso, Freud colhe uma nova descoberta:

[...] que somente algo que já foi uma percepção Cs. pode tornar-se consciente, e que qualquer coisa proveniente de dentro (à parte os sentimentos) que procure tornar-se consciente deve tentar transformar-se em percepções externas: isto se torna possível mediante os traços mnêmicos (FREUD, 1974b, p.33).

Freud entende os resíduos mnêmicos como se estivessem contidos em sistemas que são diretamente adjacentes ao sistema perceptivo-consciente (*Pcpt.-Cs.*), de maneira que as catexias⁶ desses resíduos podem facilmente estender-se, de dentro, para os elementos do último sistema. Para Freud, os resíduos verbais derivam primariamente das percepções auditivas, de maneira que o sistema *Pcs.* possui, por assim dizer, uma fonte sensória especial. Em última análise, uma palavra é o resíduo mnêmico de uma palavra que foi ouvida.

Não devemos, contudo, esquecer a importância dos resíduos mnêmicos ópticos, quando o são de *coisas*, diz Freud, ou a negar que seja possível os processos de pensamento tornarem-se conscientes mediante uma reversão a resíduos visuais. Segundo Freud, o estudo dos sonhos e das fantasias *Pcs.*, pode dar-nos uma idéia do caráter especial deste pensar visual.

Aprendemos que o que nele se torna consciente é, via de regra, apenas o tema geral concreto do pensamento, e que os diversos elementos desse tema geral, que é o que caracteriza especialmente os pensamentos, não podem receber expressão visual. Pensar em figuras, portanto, é apenas uma forma incompleta de tornar-se consciente. De certa maneira, também, ela se situa mais perto dos processos inconscientes do que pensar em palavras, sendo inquestionavelmente mais antiga que o último, tanto ontogenética quanto filogeneticamente (FREUD, 1974b, p.34-35).

Os exemplos de como um pensamento pode ser apartado da consciência ou irromper nela, dentro de certos limites, apontam para as relações íntimas e recíprocas entre a censura e a consciência. Destacamos, ainda, e isso também nos parece importante, que as lembranças recalçadas por muito tempo e seus derivados inconscientes podem se infiltrar na consciência, trilhando um caminho indireto, sob a forma de imagens aparentemente sem sentido. Enfim, o material para os pensamentos imagéticos (as imagens dos sonhos e dos desejos, por exemplo) pode ser fornecido por uma recordação

arquetípica, configurando o que se denomina de o “retorno do recalçado”.

Retornemos, então, ao argumento anterior à discussão do “pensar visual”. Se é vinculando-se às representações verbais que lhe são correspondentes que *algo Ics.* se torna *Pcs.*, a questão de como tornarmos *Pcs.* o reprimido seria, de acordo com Freud, respondida fornecendo ao *Pcs.* vínculos intermediários, mediante o trabalho de análise.

Podemos dizer que enquanto a relação das percepções *externas* (as recebidas pelos órgãos sensoriais) com o ego é evidente, as das percepções *internas* (o que chamamos de sensações e sentimentos) com o mesmo exige investigação especial. Para Freud, as percepções internas surgem nos mais diversos como nos mais profundos estratos do aparelho mental. Pouco se conhece sobre elas. As sensações e sentimentos que pertencem à série prazer-desprazer podem ser considerados os melhores exemplos.

As sensações de natureza prazerosa não têm nada de inerentemente impelente, enquanto que as desprazerosas o têm no mais alto grau. As últimas impelem no sentido da mudança, da descarga. Por isso Freud interpreta o desprazer como implicando uma elevação, e o prazer uma redução da catexia energética. Freud chama o que se torna *Cs.* como prazer, ao passo que o desprazer (o incômodo, o sofrimento) é representado como um *algo* quantitativo e qualitativo no curso dos eventos mentais. A questão, então, é saber como este *algo* torna-se consciente.

Segundo Freud, para tornar-se *Cs.* esse *algo* deve ser primeiro transmitido ao sistema perceptivo (*Pcpt.*). A experiência clínica demonstra que o *algo* se comporta como um impulso reprimido. Ele pode exercer força impulsiva sem que o ego note a compulsão. Somente quando se dá resistência a esta força impulsiva, uma detenção na reação de descarga, é que o *algo* se torna consciente como desprazer. Assim como as tensões que surgem de necessidades físicas podem permanecer *Ics.*, também o pode o sofrimento – algo intermediário entre a percepção externa e interna, que se comporta como uma percepção interna, mesmo quando sua fonte se encontra no mundo externo.

Após este esclarecimento das relações entre a percepção externa e interna e o sistema superficial *Pcpt.-Cs.*, voltemos à elaboração da idéia do ego.

O ego é a parte do id que foi modificada pela influência direta do mundo externo, por intermédio do sistema *Pcpt.-Cs.* Além disso, diz Freud, o ego procura aplicar a influência do mundo externo ao id e às tendências deste, e esforça-se por

⁵ O mesmo que mnemônico, designativo da teoria que afirma que os fenômenos hereditários resultam da memória latente das gerações passadas. Relativo à memória, à lembrança (OLIVEIRA, 1967).

⁶ *Investimento* ou *catexia*: “o fato de uma determinada energia psíquica se encontrar ligada a uma representação ou grupo de representações, a uma parte do corpo, a um objeto etc.” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1970, p. 329).

substituir o princípio de prazer, que reina irrestritamente no id, pelo princípio da realidade. O ego representa o que pode ser chamado de razão e senso comum, em contraste com o id, que contém as paixões. A importância funcional do ego, como já mencionamos, se manifesta no fato de que, normalmente, o controle sobre as abordagens à motilidade compete a ele. Assim, em sua relação com o id,

[...] ele é como um cavaleiro que tem de manter controlada a força superior do cavalo, com a diferença de que o cavaleiro tenta fazê-lo com a sua própria força, enquanto que o ego utiliza forças tomadas de empréstimo. A analogia pode ser levada um pouco além. Com frequência um cavaleiro, se não deseja ver-se separado do cavalo, é obrigado a conduzi-lo onde este quer ir, da mesma maneira, o ego tem o hábito de transformar em ação a vontade do id, como se fosse sua própria (FREUD, 1974b, p.39).

Vamos então, a partir das reflexões de Freud, pensar em forças corporais desconhecidas, com as quais nos debatemos e tentamos, de *alguma* forma, cotidianamente, manter sob controle. Suponhamos que essas descargas de natureza corporal, estando associadas a desejos perigosos, ou arriscados, são percebidas como sensações desprazerosas, e o fato de tê-las controlado ou as mantido afastadas, por algum tempo, pode representar o sentimento de superação e vitória. É quando a “*força superior do cavalo*” é controlada – pois, com o devido cuidado, foi desafiada – ou afastada temporariamente.

As atividades físicas podem, através de inúmeras associações, conduzir a essa “vitória”. É quando o *malhar* representa “esquecimento do cotidiano”, como na *meditação*, em que buscamos o desapego dos pensamentos que conduzem ao sofrimento. Encontramos um exemplo desta dimensão meditativa da atividade física no discurso espontâneo (não houve algum questionamento específico direcionado ao assunto em pauta), que nos foi recentemente enviado (outubro de 2003), via *e-mail*, por uma pessoa que se encontra geograficamente distante:

Estou agora trabalhando como uma operária mesmo, não saio do carro e da sala de aula, mas é uma opção que quero explorar no momento. Estou fazendo muito exercício físico também, uma média de três horas por dia, então você pode imaginar como devo estar cansada. Mas a coisa que mais gosto hoje é fazer exercícios, porque a mente divaga e esqueço dos problemas. Foi a forma mais fácil que encontrei para superar essa fase difícil de tantos ajustes.

Mas a meditação não se resume apenas à possibilidade de desapego, como este depoimento deixa transparecer. Percebe-se que as forças de natureza corporal estão sendo enfrentadas, pois *algo* está em curso. A alternativa é a de deixar fluir, *Motriz, Rio Claro, v.10, n.2, p.97-109, mai./ago. 2004*

viver, “explorar o momento” – quiçá para não “ver-se separada do cavalo”. As atividades físicas surgem então como possibilidade de encontro com o “ser natureza livre”⁷, “porque a mente divaga”. Ao mesmo tempo, elas ajudam a “superar essa fase difícil de tantos ajustes”. Jornada de risco, movimento entre o prazer e a dor, autoconhecimento: *consciência corporal*.

Reflexão delicada, reflexão complexa. De fato, conforme Scott e Doubleday (2000, p.18) afirmam em *O livro de ouro do zen*,

[...] o fundamento da prática do Zen é a meditação Zazen, e seu objetivo específico é levar o praticante a uma completa realização da sua verdadeira natureza. O Zen ensina que a prática do Zazen é o caminho mais íngreme, porém mais rápido, para a Iluminação ou para “ver as coisas como elas são”.

Os ensinamentos do Zen dizem que devemos deixar de lado a discussão, por vezes improdutiva, sobre o que é a *Iluminação*, mas perceber sua manifestação cotidiana. Desta forma, a maneira de praticar o Zen não é ter uma compreensão conceitual daquilo que se chama *Iluminação*, “natureza essencial”, para depois a sair procurando. A idéia é nos tornarmos conscientes de nós mesmos como realmente somos, avaliando o que significa o autoconhecimento: a *consciência corporal*.

E aqui as elaborações teóricas de Freud estão nos ajudando a compreender melhor esta dialética do corpo (com a) natureza. Lembremos, por exemplo, o conceito de *pulsão de morte* e a idéia de destruição de unidades vitais e retorno ao estado anorgânico que se supõe ser o estado de repouso absoluto. As *pulsões de vida*, por outro lado, tendem não apenas a conservar as unidades vitais existentes, como a constituir, a partir destas, unidades mais abrangentes. Recordemos ainda que Freud conclui, num determinado momento da sua produção intelectual, que o princípio de prazer pode estar a serviço das pulsões de morte. Esta contradição o levou posteriormente a distinguir do princípio de prazer o princípio de *Nirvana*: este, como princípio da redução das tensões a zero.

Busca do momento sublime, livre de tensões, tempo de paz: uma experiência estética. Nesta unidade – complexa – de movimento, o *corpo* vai se re-criando, vivendo, amadurecendo, sentindo, pensando, praticando, arriscando.

⁷ Friedrich Schiller, em *Cartas sobre a educação estética da humanidade* (1793/1991), especialmente nas *Cartas XIII, XIV e XV*, mostra que no impulso lúdico, razão e sensibilidade atuam conjuntamente e dão ao homem um estado de liberdade diante do Belo, porque o homem, diante do Belo, joga, amplia a satisfação de seu impulso lúdico.

O risco pode ser fascinante, e é. Contudo, o problema se encontra no que mencionamos em outro lugar: os limites entre o bem e o mal são tênues. Como exemplo, podemos citar: as drogas e a superação sem fim (ou limites) do corpo performático; a *AIDS* como produto de uma “cultura do risco”. Ao mesmo tempo, alguém disse: “quem não arrisca, não petisca”. Sendo assim, mais uma vez, vamos lembrar: caminhamos no *fio da navalha* quanto a esses valores, quanto à produção dessas subjetividades.

O desafio dos chamados “esportes de risco” se encontram na pauta do dia. O gosto pelo risco controlado (*Cs.*) é despertado, ele pode ser bastante benéfico. Está diretamente vinculado à superação de medos, à realização de desejos: ao *Ics*. Tempo e espaço de criação, e de re-criação. Nessas práticas, a “força superior do cavalo” torna-se literal.

Licart (1988, p.31), observa que “os primeiros conselhos a se dar ao cavaleiro são os de prudência. Eles poderão servir-lhe durante toda a sua experiência de homem de cavalo, mas eles não podem diminuir o gosto do risco que todo cavaleiro deve ter”.

O risco advém do contato do cavaleiro com a natureza viva e imprevisível do cavalo (como com a natureza viva e imprevisível do cavaleiro). Atividade fascinante, que vai permitir não simplesmente essa interação, mas também a possibilidade de contato do cavaleiro com uma outra natureza exterior – ainda viva e imprevisível –, somente acessível ao cavalo.

Mas o acesso a essa complexidade da natureza viva e imprevisível, pode advir também na prática do ciclismo, na caminhada, no nado, no mergulho, na escalada, no surfe, na canoagem.

Costa, no trabalho *Esportes de aventura e risco na montanha: um mergulho no imaginário*, transcreve um interessante depoimento do alpinista Waldemar Niclevicz, retirado do livro *Everest: o diário de uma vitória*, publicado em 1995.

Dois meses para realizar um sonho, para senti-lo! Dois meses que meus sentimentos ganharão uma nova dimensão. Encerro-me dentro destas montanhas, mas me sinto além delas. A liberdade tão buscada! Somente para me encontrar. Como se o Everest que desejo escalar estivesse dentro de mim mesmo. E quanto tenho que evoluir para me descobrir? A vida passa tão consciente nas montanhas! Se ontem o vento soprava forte e a neve caía sem parar, hoje a brisa é mansa e o sol reluz num azul sem fim. A natureza não pára nunca. Logo começará a soprar um vento frio e começarão a cair grandes flocos de neve, neste cenário que me leva à busca de mim mesmo, à compreensão de minhas

tempestades, do meu brilho e de minha escuridão. Que os glaciares me levem à crista dos montes, que minhas idéias ganhem o brilho das estrelas, que eu possa sentir que estou evoluindo junto com o cosmo que nunca pára. Sei que minha escalada nunca terá fim, sei que minha busca será constante, pois dentro de mim existe um universo infinito (NICLEVICZ apud COSTA, 2000, p. 195).

Para Costa, um atleta tem que se submeter a provas de exercícios físicos que o encaminhem ao mais alto. Tem que descer profundamente a si mesmo, tem que reconhecer seus limites, suas paixões, para poder controlá-los, para poder estendê-los. Tem que descer aos infernos e combater seus monstros, vencer os obstáculos, as dificuldades, e ressuscitar depois, glorioso, purificado. Isso acontece, em maior ou menor escala, independentemente de ele ser esportista amador ou profissional.

Continua a autora afirmando:

O homem absolutamente racional não existe. Todos somos constituídos por racionalidades e experiências irracionais, por sentimentos, por paixões, por imaginação. Insatisfeito com o que a vida cotidiana lhe oferece, angustiado pelas âncoras perdidas e assaltado por referências de um inconsciente arquetípico, o homem se lança num processo de busca. Um processo que se encaminha na direção de si mesmo, ao seu interior. E, hoje, se lança na vivência da aventura na natureza por meio de práticas esportivas ecoturísticas, perseguindo o ser perdido (COSTA, 2000, p. 197).

Contudo, vale ainda notar que o risco e o olhar para o horizonte infinito da *consciência corporal* se manifestam não só no contato corporal com uma natureza exterior, que podemos chamar de rural (até quase “virgem”, como no depoimento do alpinista), mas também na que denominamos urbana. Esta pode estar representada, por exemplo, nas vias expressas repletas de carros em velocidade que precisam ser *vencidos* quando, de bicicleta, pretendemos entrar em contato com a orla marítima e a brisa do mar. Ora, no ciclismo menos ousado das ciclovias e das práticas *indoor* nas academias, seguindo o mesmo sentido, o corpo se coloca à prova, sente e pensa, segue buscando.

É no corpo e através deste que a “natureza” é percebida. Consciente e inconscientemente, o corpo se *metamorfoseia*, já que *algo* acontece. A unidade dialética complexa de movimento – interior/exterior, exterior/interior – é sentida e pode ser pensada. O frio e o calor, espaço e tempo: neve, sol, vento, chuva, energia, massa, fumaça. Ruído, silêncio: o ouvido. O olhar. A dor. O contato. A *ligação*.

Nesse sentido, Freud enuncia que além da influência do sistema *Pcpt.*, outro fator parece ter desempenhado papel em ocasionar a formação do ego e sua diferenciação a partir do

id. O próprio corpo de uma pessoa e, acima de tudo, a sua superfície. Esse corpo constitui um lugar de onde podem originar-se sensações tanto externas quanto internas. Ele pode ser visto como qualquer outro objeto, mas, ao *tato*, por exemplo, produz duas espécies de sensações, uma das quais pode ser equivalente a uma percepção interna.

A psicofisiologia examinou plenamente a maneira pela qual o próprio corpo de uma pessoa chega à sua posição especial entre outros objetos no mundo da percepção. Também a dor parece desempenhar um papel no processo, e a maneira pela qual obtemos novo conhecimento de nossos órgãos durante as doenças dolorosas constitui talvez um modelo da maneira pela qual em geral chegamos à idéia de nosso corpo (FREUD, 1974b, p.39-40).

É aqui que Freud enuncia que o ego é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal. Segundo Birman (2001), o discurso de Freud progrediu de forma decisiva quando ele elaborou este enunciado, isto é, que o *ego* – que Birman traduz do alemão como *eu* – não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é, ele próprio, a projeção de uma superfície. No entendimento de Birman, para conceber essa leitura teórica, “Freud se valeu da idéia de ‘homúnculo cerebral’ como uma metáfora, na medida que este é, na neuroanatomia, a projeção do dito esquema corporal sobre a estrutura do cérebro” (FREUD, 1974b, p.61).

Sensações, pensamentos, percepção espaço-temporal, re-posicionamento. Estamos nos detendo, sobretudo, na relação do ego com a consciência, mas existe, na tópica freudiana, um fato importante que precisamos considerar. Freud postulou a existência de uma gradação no ego, uma diferenciação dentro dele, que chamou de “ideal do ego” ou “superego”. O fato a considerar, e o faremos sinteticamente, é que essa parte do ego está menos firmemente vinculada à consciência.

Freud obteve sucesso em explicar o penoso distúrbio da melancolia supondo (naqueles que dele sofrem) que um objeto que fora perdido foi instalado novamente dentro do ego, isto é, que uma catexia do objeto foi substituída por uma identificação. Contudo, nessa ocasião Freud ainda não havia apreciado a significação plena desse processo, nem sabia quão comum ele é. A partir de então, conclui que esse tipo de substituição tem grande parte na determinação da forma tomada pelo ego, e efetua uma contribuição essencial no sentido da construção do que é chamado de seu “caráter”.

A princípio, na fase oral primitiva do indivíduo, a catexia do objeto e a identificação são, sem dúvida, indistinguíveis uma da outra. Só podemos supor que, posteriormente, as catexias do objeto procedem do id, o qual sente as tendências eróticas como necessidades. O ego, que inicialmente é fraco, dá-se conta das

catexias do objeto, e sujeita-se a elas ou tenta desviá-las pelo processo de repressão. Quando acontece de uma pessoa ter de abandonar um objeto sexual, muito amiúde se segue uma alteração de seu ego que só pode ser descrita como instalação do objeto dentro do ego, tal como ocorre na melancolia (FREUD, 1974b, p. 43).

A natureza dessa substituição não é claramente determinada. De qualquer modo, o processo, especialmente nas fases primitivas de desenvolvimento, é muito freqüente, e torna possível supor, diz Freud, que o caráter do ego é um precipitado de catexias objetais abandonadas e que ele contém a história dessas escolhas de objeto. Naturalmente, deve-se admitir que existem diversos graus de capacidade de resistência, os quais decidem até que ponto o caráter de uma pessoa desvia ou aceita as influências da história de suas escolhas objetais eróticas.

Pode-se dizer, por exemplo, que a transformação de uma escolha objetual erótica numa alteração do ego constitui também um método pelo qual o ego pode obter controle sobre o id, e aprofundar suas relações com ele – à custa, é verdade, de sujeitar-se em grande parte às exigências do id. A transformação da libido do objeto em libido narcísica, que assim se efetua, obviamente implica um abandono de objetos sexuais, uma dessexualização – uma espécie de sublimação, portanto.

Muito lucraríamos se pensássemos que o processo de busca a que se referiu Costa (2000) representa o caminho universal para a sublimação, já que toda sublimação se efetua através da mediação do ego, que começa, segundo Freud, por transformar a libido sexual em narcísica e, depois, talvez, passa a fornecer-lhe outro objetivo.

Permanece, contudo, a questão dos conflitos entre as diversas identificações em que o ego se separa – “tanto ontogenética quanto filogeneticamente” –, conflitos que, para Freud, não podem ser descritos como inteiramente patológicos. Entretanto, seja o que for que a capacidade posterior do caráter para resistir às influências das catexias objetais abandonadas possa tornar-se,

[...] os efeitos das primeiras identificações efetuadas na mais primitiva infância serão gerais e duradouros. Isso nos conduz de volta à origem do ideal do ego; por trás dele jaz oculta a primeira e mais importante identificação de um indivíduo, a sua identificação com o pai em sua própria pré-história pessoal (FREUD, 1974b, p.45).

Todo esse assunto é complexo. A dificuldade do problema se deve a dois fatores: o caráter triangular da situação edípica e a bissexualidade constitucional de cada indivíduo.

Em termos sumários, o superego não é simplesmente um resíduo das primitivas escolhas objetais do id. Ele também representa uma formação reativa energética contra essas escolhas. A sua relação com o ego não se exaure no preceito: “você deveria ser assim (como seu pai)”. Ele também compreende a proibição: “você não pode ser assim (como seu pai)”, ou seja, você não pode fazer tudo que ele faz; certas *coisas* são prerrogativas dele. Esse aspecto duplo do ideal do ego deriva do fato de que ele tem a missão de reprimir o complexo de Édipo.

É claro que esta repressão não é tarefa fácil. Os pais da criança, e especialmente o pai, são percebidos como obstáculos a uma realização dos desejos edipianos, de maneira que o ego infantil fortifica-se para a execução da repressão erguendo esse obstáculo dentro de si próprio. Para realizar isso, toma emprestado, em certo sentido, a força do pai. Este empréstimo constitui um ato extremamente momentoso:

O superego retém o caráter do pai, enquanto que quanto mais poderoso o complexo de Édipo e mais rapidamente sucumbir à repressão (sob a influência da autoridade do ensino religioso, da educação escolar e da leitura), mais severa será posteriormente a dominação do superego sobre o ego, sob a forma de consciência (conscience) ou, talvez, de um sentimento inconsciente de culpa (FREUD, 1974b, p.49).

O ideal do ego responde a tudo o que é esperado da “mais alta natureza do homem”. Como substituto de um anseio pelo pai, ele contém o germe de todas as religiões. O autojulgamento que declara que o ego não alcança o seu ideal produz o sentimento religioso de humildade a que o crente apela em seu anseio. À medida que a criança cresce, o papel do pai é exercido pelos professores e outras pessoas colocadas em posição de autoridade. Suas injunções e proibições permanecem poderosas no ideal do ego e continuam, sob a forma de consciência (conscience), a exercer a censura moral. A tensão entre as exigências da consciência e os desempenhos concretos do ego é experimentada como sentimento de culpa.

Segundo Freud, as experiências do ego parecem, a princípio, estar perdidas para a herança. Contudo, quando se repetem com bastante frequência e com intensidade suficiente em muitos indivíduos, em gerações sucessivas, transformam-se, por assim dizer, em experiências do id, cujas impressões são preservadas por herança. Dessa maneira, no id, que é capaz de ser herdado, acham-se abrigados resíduos das existências de incontáveis egos. Assim, quando o ego forma o seu superego a partir do id, pode talvez estar revivendo formas de antigos egos e ressuscitando-as.

Considerações finais

É nesse contexto complexo que o alpinista, tanto quanto “nossos” outros *corpos em movimento*, seguem adquirindo *consciência corporal*. Em maior ou menor escala, no extremo limite ou nem tanto, os esportistas conseguem, nas suas práticas ou através delas, entrar em contato com dimensões mais sombrias, mas também mais belas da natureza, seja ela interior ou exterior.

Enfim, voltando ao ego, à organização dos processos mentais e à constituição do aparelho psíquico, mesmo o alpinista, no alto do *Everest*, carrega consigo, consciente e inconscientemente, entre outras *malhas*, sua escala social ou ética de valores. As atividades físicas e o movimento de busca podem contribuir, também, para a tomada de consciência dos mitos – opressores – da atualidade.

Como aponta Birman (2001) já no título do seu livro, precisamos estar atentos ao mal-estar do mundo contemporâneo e às novas formas de subjetivação. Nesse sentido, destaca-se a importância da reflexão crítica acerca das tendências morais e estéticas do ego postuladas por Freud, visto que o ideal do ego responde a tudo o que é esperado da “mais alta natureza do homem”.

Referências

- ANDRADE, R. G. N. **Personalidade e cultura**: construções do imaginário. Rio de Janeiro: Revan, 2003.
- BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade**: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- COELHO FILHO, C. A. de A. **O discurso do profissional de ginástica em grandes academias no Rio de Janeiro**. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1998.
- COSTA, V. L. de M. **Esportes de aventura e risco na montanha**: um mergulho no imaginário. Rio de Janeiro: Manole, 2000.
- COURTINE, J.-J. Os stakhanovistas do narcisismo: body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT’ANNA, D. B. (Org.). **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p.81-114.
- DESCARTES, R. **Meditações**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. Originalmente publicado em 1641.

FREUD, S. As pulsões e suas vicissitudes. In: **Obras completas**. Edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1974a. Originalmente publicado em 1915.

_____. O ego e o id. In: **Obras completas**. Edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1974. Originalmente publicado em 1923.

GUISELINI, M. **Total fitness**: força, resistência e flexibilidade. São Paulo: FMU, 1997.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1970.

LAGO, G. **Os sarados da pós-modernidade**: a instabilidade do espírito e a estética corporal contemporânea. São Paulo, 1999. Trabalho apresentado na COMPÓS – Associação de Programas de Pós-Graduação em Comunicação.

LICART, C. **A arte da equitação**: como aprender e ensinar a montar. São Paulo: Papyrus, 1988.

OLIVEIRA, C. de (Superv.). **Dicionário mor da língua portuguesa**. São Paulo: Livro Mor/EPB, 1967.

SCOTT, D.; DOUBLEDAY, T. **O livro de ouro do zen**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

SILVA, A. M. A razão e o corpo do mundo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 11. 1999, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: SEDIGRAF, 1999. p.52-57.

Endereço:
Carlos Alberto de Andrade Coelho Filho
Rua Ricardo Schaller, 285 São Pedro
Juiz de Fora MG
36035-750
e-mail: carloscoelhoj@terra.com.br

Manuscrito recebido em 02 de junho de 2004.

Manuscrito aceito em 23 de setembro de 2004.